

# "UM POETA ROMÂNTICO É SEMPRE PARECIDO COM OUTRO POETA ROMÂNTICO": ASSIM FALOU EÇA DE QUEIRÓS

Ana Cristina Comandulli

UFF

## RESUMO:

Uma revisão do romance *Os Maias*, de Eça de Queirós, sob o enfoque da evolução política no Portugal do século XIX. As múltiplas visões da sociedade, com destaque para o embate entre românticos e realistas/naturalistas, fazem do romance uma história do tempo de Eça.

## PALAVRAS-CHAVE:

Eça de Queirós; *Os Maias*; romantismo; realismo.

## ABSTRACT:

A revision of the novel *Os Maias*, written by Eça de Queirós, focused on the political evolution of XIX century's Portugal. The multiple visions of society, highlighting the feud between romantics and realists/naturalists, make the novel an history of Eça's time.

## KEYWORDS:

Eça de Queirós; *Os Maias*; romantism; realism.

Pomba da Fraternidade,  
Que estendendo as brancas asas,  
Por sobre humanos lodos,  
Envolve os seus filhos todos  
Na mesma santa igualdade!...  
(*Os Maias*, Eça de Queirós)

Sou fácil de definir.  
Vi como um danado.  
Amei as cousas sem sentimentalidade  
nenhuma  
(Alberto Caeiro)

Ao escrever ao seu amigo Oliveira Martins, do Hôtel Du Cheval Blanc, em agosto de 1884, Eça de Queirós define *Os Maias* como sendo seu romance, ainda em fase de escrita, como uma vasta “*machine*”, “com proporções enfadonhamente monumentais de pintura “a fresco”, toda trabalhada em tons pardos, pomposa e vã, o que para a posteridade lhe valeria o título de Miguel Angelo da sensaboria” (QUEIRÓS,

“Um poeta romântico é sempre parecido com outro poeta romântico”:  
assim falou Eça de Queirós

2000, p.236). A picardia de suas palavras não corresponde ao seu trabalho. *Os Maias*, publicado em 1888, formam o romance do tempo português, representando a sociedade que passou pelo processo de revolução liberal, iniciado em 1820, descrito em quatro gerações da família Maia.

O primeiro capítulo apresenta, na figura do velho Caetano da Maia, a aristocracia absolutista dos fins do século XVIII, resistente aos ideais liberais do Afonso da Maia, representante das lutas contra o absolutismo, no período de 1820 até 1834. A maior tristeza do primeiro Maia do romance, o Caetano, era ter um filho Jacobino:

Caetano da Maia era um velho português antigo e fiel que se benzia ao nome de Robespierre, e que, na sua apatia de fidalgo beato e doente, tinha um só sentimento vivo – o horror, o ódio ao Jacobino, a quem atribuía todos os males, o da pátria e os seus, desde a perda das colônias até às crises da sua gota. Para extirpar da nação o Jacobino, dera ele o seu amor ao sr. Infante D. Miguel, Messias forte e Restaurador providencial... E ter justamente um filho Jacobino, parecia-lhe uma provação comparável só as de Jó. (QUEIRÓS, 2001, p. 10)

No período compreendido entre 1834 e 1851, transição do liberalismo instável, está a figura romântica de Pedro da Maia, o filho de Afonso, que se casa, a contragosto do pai, com Maria Monforte, filha de um negreiro, em meio à “festaça, atravessada pelo sopro romântico da Regeneração” (QUEIRÓS, 2001, p. 25). Desse casamento nasceram Carlos Eduardo da Maia e sua irmã, Maria Eduarda, que mais tarde se tornarão amantes – é essa a principal faceta do romance, o incesto como representação do objeto do desejo, para além do “adultério elegante e dos casamentos realizados por conveniência” (DAVID, 2007, p. 108), comuns àquela sociedade.

A análise do romance sob a ótica da evolução política em Portugal do século XIX não pode ser abandonada, sob pena de não serem compreendidos os aspectos sociológicos, políticos e literários ali presentes. As múltiplas visões deste romance fazem dele a história do tempo de Eça. Vergílio Ferreira, em seu artigo “Eça, Pessoa e nós”, afirma que “Eça via mal, porque só via o que se via bem. A sua óptica é a que lhe dava um mundo em superfícies nítidas, batidas de uma luz viva.” (FERREIRA, 1977, p.195). Ponto de vista rebatido por Eduardo Lourenço, ao afirmar que Eça “viu, observou, tantas vezes divertido, mas sobretudo com transcendente distanciação, como se o seu olhar fosse o de ninguém, constituiu um acontecimento sem precedentes entre nós.” (LOURENÇO, 1997, p. 713). Em relação ao romance aqui tratado, onde o tempo português é descrito com olhar apurado, parece que Eça viu muito bem, sentiu muito bem. Assim como Alberto Caeiro, ele viu como um danado!

Tomás de Alencar, *poeta das “Vozes d’Aurora”* (QUEIRÓS, 2001, p.17), é o amigo da família e está presente nas quatro gerações dos Maias. No suceder de

capítulos, Alencar é a representação do romantismo português, em oposição ao João da Ega, melhor tradução dos ideais realistas/naturalistas. Essas duas personagens protagonizam na ficção do Capítulo VI a discussão literária, cultural e científica marcada na história da literatura portuguesa como “Questão Coimbrã”.

João da Ega, a quem Eduardo Lourenço<sup>1</sup> atribui a voz de Eça de Queirós, organiza um jantar no Hotel Central para reunir Carlos da Maia, Craft – genuíno e correto *gentleman* –, Dâmaso Salcede – *dandy* mesquinho e mentiroso –, Cohen – o banqueiro –, e Alencar – o poeta da *Vozes d’Aurora*. Ao encontrar Carlos, Alencar declara que no momento em que o vira pela primeira vez estava estudando um volume de *Éclogas* de Rodrigues Lobo<sup>2</sup>, poeta da Natureza que fora deixado de lado desde que surgiram o *Satanismo*, o *Naturalismo* e o *Bandalhismo* (QUEIRÓS, 2001, p. 111). Logo a seguir diz ter sido ele o mentor intelectual da mãe de Carlos, e que ela, Maria Monforte, tinha escolhido o seu nome em “um romance sobre o último Stuart”, pois pelo gosto de Pedro da Maia, o seu nome seria Afonso, igual ao de seu avô “varão de outras idades” (QUEIRÓS, 2001, p.111).

Teu pai – dizia ele – o meu Pedro, queria-te pôr o nome de Afonso, desse santo, desse varão doutras idades. Afonso da Maia! Mas tua mãe que tinha lá as suas idéias, teimou em que havias de ser Carlos. E justamente por causa dum romance que eu lhe emprestara; nesses tempos podiam-se emprestar romances a senhoras, ainda não havia a pústula e o pus... Era um romance sobre o último Stuart, aquele belo tipo do príncipe Carlos Eduardo, que vocês, filhos, conhecem todos bem, e que na Escócia, no tempo de Luis XIV... Enfim!, adiante! Tua mãe, devo dizê-lo, tinha literatura e da melhor. Consultou-me, consultava-me sempre, nesse tempo eu era alguém, e lembro-me de lhe ter respondido...(Lembro-me apesar de já lá irem vinte e cinco anos...Que digo eu? Vinte e sete! Vejam vocês isto, filhos, vinte e sete anos!) Enfim, voltei-me para tua mãe, e disse-lhe, palavras textuais: “Ponha-lhe o nome de Carlos Eduardo, minha rica senhora, Carlos Eduardo, que é o verdadeiro nome para o frontispício dum poema, para a fama dum heroísmo ou para o lábio duma mulher!” (QUEIRÓS, 2001, p. 111-112)

<sup>1</sup> Eduardo Lourenço, em *O tempo de Eça e Eça e o tempo*, se refere a João da Ega como a voz afetada de ironia no que se refere ao seu tempo: “Sobretudo, o seu ‘tempo’ parecia cansado de si mesmo e refluía – par a um ‘algures’ que não era revivalismo de sonhos heróicos, social ou literariamente motivantes como os da sua mitologia juvenil de filho de Proudhon e do rei Arthur, mas espaço de indiferença ou de declarado desdém por aquela visão do mundo que, melhor do que ninguém, encarnara na ‘Legenda dos Séculos’ de Victor Hugo, sua paixão e referências jamais extintas, como dirá por ele, afectando ironia, João da Ega.” In: 150 anos com Eça de Queirós. III Encontro Internacional de Queirosianos. São Paulo: EDUSP, Centro de Estudos Portugueses, 1997, p.707.

<sup>2</sup> Segundo António José Saraiva, algumas obras de Francisco Rodrigues Lobo exercem papel importante na formação do estilo barroco peninsular, sem deixar de lado as suas características da escola camoniana. In: SARAIVA, António José e LÓPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1996.

“Um poeta romântico é sempre parecido com outro poeta romântico”:  
assim falou Eça de Queirós

À altura do nascimento de Carlos, os escritores de maior circulação eram aqueles da Sociedade Real de Edimburgo, que fixavam seu mote nas histórias da realeza da época da transição do regime feudal para a modernidade em seu país. Embora não nomeado, a leitura de Maria Monforte era a dos romances de Walter Scott. Semelhante ao contado por Alencar é o romance de Scott *A História da Escócia*, cujo candidato a príncipe do trono inglês é Charles Edward Stuart, promessa dos católicos para retomada da coroa inglesa, mas que, derrotado, exilou-se em Itália, onde passou a levar uma vida de boêmia. E se o candidato a herdeiro do trono inglês foi a esperança católica, o Carlos da Maia foi a esperança de Afonso da Maia.

Era decerto um formoso e magnífico moço, alto, bem-feito, de ombros largos, com uma testa de mármore sob os anéis dos cabelos pretos, e os olhos dos Maias, aqueles irresistíveis olhos do pai, de um negro líquido, ternos como os dele e mais graves. Trazia a barba toda, muito fina, castanho-escura, rente na face, aguçada no queixo – o que lhe dava, com o bonito bigode arqueado aos cantos da boca, uma fisionomia de belo cavaleiro da Renascença. E o avô, cujo olhar risonho e úmido transbordava de emoção, todo se orgulhava de o ver, de o ouvir, numa larga veia, falando da viagem, dos belos dias de Roma, do seu mau-humor na Prússia, da originalidade de Moscou, das paisagens da Holanda... (QUEIRÓS, 2001, p. 67)

Quando se trata de romance histórico é impossível não tocar no nome de Alexandre Herculano. E Eça não hesita em exaltar a figura Herculano. Nas primeiras páginas do capítulo XII, uma querela entre João da Ega e Afonso da Maia sobre a arte em Portugal demonstra a importância da voz de Herculano no contexto histórico português. Afonso da Maia questiona Ega sobre a falta de continuidade de seus projetos políticos e literários; a resposta é que a arte em Portugal não tinha valor:

Não vale a pena, sr. Afonso da Maia. Neste país, no meio desta prodigiosa imbecilidade nacional, o homem de bom senso e de gosto deve limitar-se a plantar com cuidado seus legumes. Olhe o Herculano... (QUEIRÓS, 2001, p. 261).

Ao que Afonso respondeu: “– Pois então – acudiu o velho – planta os teus legumes. É um serviço à alimentação pública. Mas tu nem isso fazes!” (QUEIRÓS, 2001, p. 261). O seu neto não poderia sair exilado, ter o mesmo fim que o outro Carlos, o seu homônimo escocês. Igual atitude deveria ter o Ega: publicar o seu livro, dando a conhecer o que aquela juventude estava pensando. A literatura, entendia bem Afonso, podia ser transformadora. Tinha sido assim com ele, um leitor de Rousseau, de Volney. “Pois então façam vocês essa revolução. Mas pelo amor de Deus, façam alguma coisa!” (QUEIRÓS, 2001, p.262)

Mesmo tratando com diferença de qualidade os poetas Alencar e Herculano, Eça não chega a defender o romantismo. É no jantar oferecido no Hotel Central que a contenda literária e política entre Eça e Alencar atinge seu ápice. Em poucas páginas, Eça apresenta, pela voz de suas personagens, as “Conferências do Casino”, como nestas, palavras de João da Ega:

Pobre Alencar! O naturalismo; esses livros poderosos e vivazes, tirados a milhares de edições: essas rudes análises, apoderando-se da Igreja, da Realeza, da Burocracia, da Finança, de todas as coisas santas, dissecando-lhes a lesão, como a cadáveres num anfiteatro; esses estilos novos, tão precisos e tão dúcteis, apanhando em flagrante a linha, a cor, a palpitação mesma da vida; tudo isso (que ele na sua confusão mental, chamava a *Idéia* nova) caindo assim de chofre e escangalhando a catedral romântica, sob a qual tantos anos ele tivera altar e celebrara missa, tinha desnordeado o pobre Alencar e tornara-se o desgosto literário da sua velhice. (QUEIRÓS, 2001, p.113)

Ao proferir a sua conferência, Eça, definiu o que seria o realismo naquele mundo moderno, trazendo a nu a moral de uma sociedade que não poderia mais reagir aos avanços da ciência, à dignidade do trabalho e da virtude, formada na base filosófica prudhoniana. O realismo seria capaz de revolucionar a literatura.

Que é, pois, o realismo? É uma base filosófica para todas as concepções do espírito – uma lei, uma carta guia, um roteiro para o pensamento humano, na eterna região do belo, do bom e do justo. (...) O realismo é uma reação contra o romantismo: o romantismo era a apoteose do sentimento; o realismo é a anatomia do carácter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para nos conhecermos, para que saibamos se somos verdadeiros ou falsos, para conhecer o que houver de mau em nossa sociedade. (QUEIRÓS, 1988, p. 127).

Alencar, que diz ser o naturalismo uma obscenidade, se apresenta como um paladino da moral, inspirado evidentemente nos princípios românticos. Claro que há excesso nesta moralidade, pois o naturalismo não pode ser reduzido a obscenidades. Os fatos obscenos são resultado do comportamento de toda uma sociedade. A moral defendida não representava a verdade e não passava de puritanismo. O próprio Tomás de Alencar por mais de vinte anos vivera propondo “comércio lúbrico a todas as damas da capital” (QUEIRÓS, 2001, p.113). Desmorona de vez a figura do Alencar, sua imagem de moral, quando ele, à saída do jantar, revela ao neto do velho Afonso a sua paixão platônica por Raquel Cohen, mulher do banqueiro Cohen. A mulher do banqueiro era divina, e mereceu do poeta versos publicados no *Diário Nacional*: “Abril chegou, sê minha”/Dizia o vento à rosa.” (QUEIRÓS, 2001, p. 124).

“Um poeta romântico é sempre parecido com outro poeta romântico”:  
assim falou Eça de Queirós

O Craft tem preferência por um realismo mais científicista, com menos exageros, sem enredos e sem dramas. Craft “não admitia o naturalismo, a realidade feia das coisas e da sociedade estatelada nua num livro” (QUEIRÓS, 2001, p. 113). Carlos da Maia se apresenta igualmente contrário ao realismo preconizado por Eça, sendo “mais intolerável os seus grandes ares científicos, a sua pretensiosa estética deduzida duma filosofia alheia” (QUEIRÓS, 2001, p. 113). As figuras criadas por Eça traçam uma teoria da literatura, o que até aquele momento ainda era um espaço por ocupar em sua íntegra. O banqueiro Cohen busca chamar Eça ao bom senso, dizendo que em toda a gente romântica havia medíocres e patetas, mas também homens de grande valor! O próprio Alencar pendia para as ideias mais radicais desde que, em 1848, vira o romantismo desacreditado, e tudo isto por conta da gente do poder, o que não acontecia nos Estados Unidos. Ora, o romantismo americano se dá quase ao mesmo tempo em que na Europa, logo após a revolução que culminou com a independência da Inglaterra. Bem antes de 1848, antes dos oitocentos, os Estados Unidos já possuíam uma carta Constitucional que lhes imputava respeito frente à Europa; os grandes jornais estrangeiros eram amplamente reconhecidos e circulavam pelos elegantes salões de todo o mundo ocidental.

O último quartel do século XIX, sobretudo à época em que o romance queirosiano é escrito, é o período em que o positivismo se apresenta em oposição incontornável aos românticos. Os dogmas católicos e a velha monarquia eram questionados. Assim, o que restava era acabar com o espírito conservador que tinha horror ao trabalho e desprezo pela indústria. A Península Ibérica era a decadência em relação ao restante do mundo ocidental e Antero de Quental toca na ferida do povo ibérico em seu manifesto *Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos*, realizada no Casino Lisbonense, a 27 de maio de 1871. Mais uma vez é a voz de João de Eça que irá situar o momento português referido por Antero:

Para quem estavam eles fazendo essa *pose* heróica? Então ignoravam que esta raça, depois de cinquenta anos de constitucionalismo, criada por esses saguões da Baixa, educada na piolhice dos liceus, roída de sífilis, apodrecida no bolor das secretarias, arejada apenas ao domingo pela poeira do Passeio, perdera o músculo como perdera o caráter, e era a mais fraca, a mais covarde raça da Europa?... (QUEIRÓS, 2001, p. 117)

O olhar severo de Antero decerto concordaria que não há necessidade de pose heroica para um povo que sucumbiu à Inquisição, à corrupção faustosa da vida da corte, da depravação dos costumes, da venda de indulgências. A Península estava em decadência por não ter seguido os passos dos países que fizeram parte ou aderiram à

reforma protestante. O absolutismo que persistiu entre os ibéricos arruinou os ideais de liberdade.

É ainda no capítulo VI, na conversa que se segue logo após o jantar no Hotel Central, que mais uma vez Ega e Alencar vão engatar nova discussão. O bacharel de Coimbra resolve citar um poema de Simão Craveiro, homem da *Ideia Nova*, intitulado *A Morte de Satanás*, mais especificamente as estrofes do “episódio da Morte, quando o grande esqueleto simbólico passa em pleno sol no *boulevard*, vestido como uma cocote, arrastando sedas rumorosas: “E entre duas costelas, no decote/ Tinha um bouquet de rosas!” (QUEIRÓS, 2001, p. 119). Imediatamente os versos de Craveiro foram repudiados por Alencar, com apontamentos de dois erros de gramática, e a denúncia de ser uma imagem roubada de Baudelaire. Ega, malicioso, estabelece mais uma polêmica ao afirmar que o desgosto de Alencar não é pelas ideias de Simão Craveiro, mas sim pelo epigrama que este lhe oferecera:

O Alencar d’Alenquer  
 Que quer? Na verde campina  
 Não colhe a tenra bonina  
 Nem consulta o malmequer...  
 Que quer? Na verde campina  
 O Alencar d’Alenquer  
 Quer menina! (QUEIRÓS, 2001, p.119)

Parece clara a referência à carta aberta enviada por Antero de Quental a António Feliciano de Castilho sobre o prefácio deste ao livro de Pinheiro Chagas, *Poema da mocidade*, conhecida como “Bom senso e bom gosto”. Nela, Antero denominou o grupo de jovens poetas que seguiam Castilho e que eram por ele incentivados de “Escola do Elogio Mútuo”, o que, com certeza, deixou de trazer a lume poesias e poetas de boa qualidade.

A respeito de sua personagem, Eça de Queirós recebeu duras críticas no jornal carioca *O País*, feitas por Pinheiro Chagas, sob o título de *Bulhão Pato e Eça de Queirós*. O artigo trata do sentimento de ultraje de Pato por sentir-se caricaturado na figura de Tomás de Alencar. Até mesmo o companheiro das *Conferências* considerou deplorável a atitude de Eça. Em carta a Bulhão Pato, Antero tenta desculpar a atitude do criador do poeta d’*As vozes d’Aurora* justificando tal atitude de forma literária.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Esta não será a única vez que Antero irá criticar a posição naturalista. Em carta Wilhelm Storck, datada de 14 de maio de 1887, de Ponta Delgada, escreverá que “O naturalismo, na sua forma empírica e científica, é o ‘struggle for life’, o horror duma luta universal no meio da cegueira universal; na sua forma transcendente é uma dialéctica gelada e inerte, ou um epicurismo egoistamente contemplativo. Eram estas as conseqüências que eu via sair da doutrina com que me criara, da minha ‘alma mater’, agora que a interrogava com a seriedade e a energia de quem, antes de morrer, quis ao menos saber para que veio ao

“Um poeta romântico é sempre parecido com outro poeta romântico”:  
assim falou Eça de Queirós

Senti no coração o procedimento deplorável do Eça de Queirós. Sou amigo dele e estimo-o. Aquela sua coisa só a posso explicar por uma aberração singular, uma espécie de doença literária, que anda no ar, o furor e o fanatismo do que eles chamam o *documento humano*, que lhes faz perder a noção exacta do limite que separa a literatura da vida real, e dos deveres rigorosos que esta impõe àquela. É uma perversão da inteligência, muito mais do que senso moral, mas de que este acaba também por ser contaminado. Em todo o caso, triste, muito triste! (QUENTAL, 1888, p.893)

Tão logo tomou conhecimento da notícia, Eça enviou uma carta a Carlos Lobo de Ávila, redator do *Tempo*, pedindo que publicasse um texto seu, desfazendo a *lenda*, que Pato havia criado, e a que Chagas havia dado azo. É mais uma pérola documental da visão que a Geração de 70 tinha da sua antecessora: “não há nada em comum entre Tomás de Alencar e o Sr. Bulhão Pato, além daqueles traços literários pelos quais um poeta romântico é sempre parecido com outro poeta romântico”.(QUEIRÓS, 1951, p. 211).

Voltemos aos poemas de Tomás de Alencar referidos em todo o corpo do romance *Os Maias*. Algumas vezes menos polêmicos e mais admirados, como no momento em que se encontram em Sintra, Carlos da Maia, o maestro Cruges e Alencar. O Cruges fica emocionado com o romantismo dos versos de “6 de agosto”, retirado do livro *Flores e Martírio*, que segundo o próprio autor, eram seus melhores escritos.

Vieste! Cingi-te ao peito.  
Em redor que noite escura!  
Não tinha rendas o leito,  
Não tinha labores na barra  
Que era só a rocha dura...  
Muito ao longe uma guitarra  
Gemia vagos harpejos...  
(Vê tu que não me esqueceu)...  
E a rocha dura aqueceu  
Ao calor dos nossos beijos! (QUEIRÓS, 2001, p.165)

Outras vezes é reconhecido como bom poeta, como no capítulo XVI, quando Eça descobre a verdade sobre Maria Eduarda. Foi no sarau do Teatro Trindade que Tomás de Alencar recitou versos do poema “Democracia”, com ar de revelação e gestos demorados e longos:

Era num parque. O luar  
Sobre os vastos arvoredos,  
Cheios de amor e segredos (QUEIRÓS, 2001, p. 411)

---

munho”. In: QUENTAL, Antero (antologia) RODRIGUES , Ana Maria Moog (org.). Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1990, p. 142.



Sob os olhares desconfiados, sobretudo de Eça, o poeta continua a declamar versos que tratam de uma poesia social:

Enquanto, sob as árvores radiantes de luar tudo são “risos, brindes, murmúrios” fora, junto às grades douradas do parque, assustada com o latir dos molossos, uma mulher macilenta, em farrapos, chora, aconchegando ao seio magro o filho que pede pão... E o poeta, sacudindo os cabelos para trás, perguntava por que havia ainda esfomeados neste orgulhoso século XIX? De que servira então, desde Espártaco, o esforço desesperado dos homens para a Justiça e para a Igualdade? De que servira então a cruz do grande Mártir, erguida além da colina, onde, por entre os abertos

*Os raios de sol se somem,  
O vento triste se cala...  
E as águas revolteando  
Dentre as nuvens estão olhando  
Morrer o filho do Homem!* (QUEIRÓS, 2001, p. 412)

O poema recitado rendeu ao poeta Tomás de Alencar brados que vinham da galeria. Ele achara a “solução do sofrimento humano” (QUEIRÓS, 2001, p. 413), por meio de toda a experiência acumulada ao longo de sua vida. Assim “Alencar queria a República!” (QUEIRÓS, 2001, p. 413) O resgate da figura romântica é feita neste capítulo quando o jovem João da Eça reconhece a qualidade do poema *Democracia*, do bardo Tomás de Alencar. É também o reconhecimento de Eça ao movimento que o formou, constatando o lirismo humanitário do velho bardo de que sentimento e política não andam separados. E se usamos o verbo sentir, imediatamente trazemos à luz o texto de Vergílio Ferreira, afirmando que Eça sentiu bem:

Porque há o escrever bem em arranjo formal (...) e o escrever bem por uma disposição íntima da sensibilidade. Assim um “estilo” é verdadeiramente ou deve sê-lo, um modo específico de sentir o mundo feito vocábulo e não de sentir o vocábulo feito mundo. (...) Pessoalmente, aliás, e para lá da ironia queirosiana, é-me fácil recuperar – sobretudo n’*Os Maias* – um tom de melancolia em que possa reconhecer-me e ao meu tempo. Porque sob a festa aparente dos seus livros, Eça não traiu as suas primeiras tendências e foi sempre um escritor de amargura. (FERREIRA, 2001, p. 208)

Alencar não era homem fora do tempo, apenas não conseguia entender a República e a democracia sem Deus. Os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, soprados pelos ventos da Revolução Francesa que embalaram o romantismo, fazem parte do sentir português, ideal do liberalismo que atravessou o século até firmar-se constitucionalmente. Ao recuperar a figura de Tomás de Alencar, Eça recupera, de certa forma, a importância da geração que antecedeu a de 70.

“Um poeta romântico é sempre parecido com outro poeta romântico”:  
assim falou Eça de Queirós

Com a morte de seu avô e a descoberta de que a mulher amada era sua irmã, Carlos da Maia parte em viagem pelo mundo, fixando residência em Paris. O último capítulo é o seu retorno a Portugal, após dez anos de exílio voluntário, e seu encontro com João da Ega é o registro metafórico da ausência de mudanças. Em breve revisão do romance vemos que durante toda a mocidade Carlos da Maia se preparou para ser médico, escritor de um livro sobre ciências, e por fim, não exerceu a medicina, não concluiu o livro, levou a vida envolvido em situações amorosas. João da Ega, por sua vez, vestiu-se de Mefistófeles, foi exuberante e perspicaz em suas ideias, mas nunca terminou sequer de escrever seu livro *Memórias de um átomo*, rodou o mundo com Carlos e voltou a Portugal, continuando a mesma vida boêmia. A constatação de imobilidade é feita pelas próprias personagens. Ega pergunta a Carlos se nos últimos dez anos ele não tivera vontade de voltar para Portugal, e o neto de Afonso da Maia responde que não havia razão para ficar em um lugar onde apenas arrastaria passos tristes do Grêmio à Casa Havanesa. Melhor mesmo era ficar em Paris, “único lugar congênere com o tipo definitivo em que ele se fixara: o homem rico que vive bem” (QUEIRÓS, 2001, p. 484). A conversa dos dois é concluída com a frase de Ega: “falhamos na vida, menino!” (QUEIRÓS, 2001, p. 484). Neste último capítulo, o que se percebe é que a mudança possível foi a amizade de João da Ega e Tomás de Alencar. Este dedicou, inclusive, um poema ao Ega, publicado nos jornais da época:

Luz de esperança, luz de amor,  
Que vento vos desfolhou?  
Que a alma que vos seguia  
Nunca mais vos encontrou!

Minha alma em tempos de outrora,  
Quando nascia o luar,  
Como um rouxinol que acorda  
Punha-se logo a cantar.  
Pensamentos eram flores,  
Que a aragem lenta de maio... (QUEIRÓS, 2001, p. 473)

Ega explica que o poeta era o único português genuíno, bardo infinitamente estimável a se contar pelo estado a que descambara a literatura. Esta retratação do poeta romântico, segundo Eduardo Loureço, não é a voz de Eça em Ega. É a voz da personagem tão somente, utilização da ferramenta literária para construir um final menos dolorido para uma geração de poetas que já fazia parte de um processo histórico passado. É o próprio Eça que aponta para a impossibilidade de resgate romântico, quando, ao escrever a Fialho de Almeida, afirma que o seu romance pretendeu realmente ser uma reprodução da sociedade. Àquela altura não haveria mais como

resgatar um poeta romântico. Não havia como resgatar o romantismo, a sociedade era agora a decadência. Isabel Pires de Lima acredita que Carlos e Ega não conseguem escapar ao tempo de desilusão daquele Portugal próximo do último quartel do século XIX:

Carlos e Ega, seres de exceção no espaço português, não conseguem, tal como a Geração de 70 não conseguiu, escapar a este tempo presente minado, não conseguem da mesma forma que aquela geração não conseguiu, escapara ao percurso da desilusão e da desistência, tão precoce e intensamente sentido por Eça de Queirós, contrapondo a este tempo infuncional e estático um tempo mítico de fuga. (LIMA, 1988, p. 26)

Pires de Lima não se refere ao “tempo mítico” como fuga do passado português, mas à parte da Geração, como Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro e Eça de Queirós, conhecida como os “Vencidos da Vida”. A geração realista de Eça não conseguiu concluir o seu projeto, tal como acontecera com a geração romântica, e isto fica claro no romance quando nas últimas páginas Ega e Carlos riem da sua teoria da vida.

Riram ambos. Depois Carlos, outra vez sério, deu a sua teoria da vida, a teoria definitiva que ele deduzira da experiência e que agora o governava. Era o fatalismo mulçumano. Nada a desejar e nada a rezear... Não se abandonar a uma esperança – nem a um desapontamento. Tudo aceitar, o que vem e o que foge, com a tranquilidade com que se acolhem as naturais mudanças de dias agrestes e de dias suaves. E, nesta placidez, deixar esse espaço de matéria organizada, que se chama o Eu, ir-se deteriorando e decompondo até reentrar e se perder no infinito Universo... Sobretudo não ter apetites. E, mais que tudo, não ter contrariedades. (QUEIRÓS, 2001, p.485)

Quatro anos após enviar carta ao amigo Oliveira Martins sobre o romance que estava escrevendo e que lhe valeria o título de Miguel Angelo da sensaboria, Eça envia outra missiva ao amigo. Data de 12 de junho de 1888 a correspondência que anuncia a publicação d’*Os Maias* e pede a sua divulgação já que a *Lugan & Genelioux* não tinha habilidade para imprimir anúncios de lançamento do livro. Era ele, o próprio autor, quem o tinha de fazer. Pedia que, se tempo ainda houvesse, transcrevesse um pedaço no *Repórter*, mas que, para ele, leitor Oliveira, bastava apenas folhear os dois volumes. Recomendava as cem primeiras páginas e mais algumas cenas, como certa ida a Sintra, as corridas, o desafio, o jornal *A Tarde*, e, sobretudo o *sarau literário*. Seria, decerto, sensaboria ficar sem ler os dois volumes! Sensaboria também seria não ler a cena final, quando os dois amigos da vida inteira descem pela rampa de Santos, correndo para apanhar “o americano”, como se *aquele fosse o caminho da vida* (QUEIRÓS, 2001, p.

“Um poeta romântico é sempre parecido com outro poeta romântico”:  
assim falou Eça de Queirós

485), assentando sua teoria definitiva da existência de que *não vale a pena fazer um esforço, correr com ânsia para coisa alguma* (QUEIRÓS, 2001, p. 486).

#### REFERÊNCIAS:

CARPEAUX, Otto Maria. “Prosa e Ficção do Romantismo”. In: GUINSBURG, J. *O romantismo*. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

DAVID, Sérgio Nazar. “O mundo, o Diabo e a Carne. Eça de Queirós e os inimigos da alma”. In: \_\_\_\_\_. *O século de Silvestre da Silva – Estudos queirosianos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. “Entre o vício e o dever: a pulsão (o sexual) na ficção realista-naturalista”. In: \_\_\_\_\_. *O século de Silvestre da Silva – Estudos queirosianos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

FERREIRA, Virgílio. *Espaço do invisível III*. Lisboa: Arcádia, 1977.

HERCULANO, Alexandre. “Qual o estado da nossa literatura? Qual e o trilho que ela hoje tem a seguir?”. In: \_\_\_\_\_. *Opúsculos*. Tomo IX. Amadora: Livraria Bertrand, s.d.

LIMA, Isabel Pires de. “Os dois Anteros do monóculo de Eça”. In: Colóquio Letras nº 123/124. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, janeiro de 1992.

\_\_\_\_\_. Eça e Os Maias – pensar-se pensando Portugal. In: *Colóquio Letras No centenário da publicação de Os Maias*, nº 103. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

LOURENÇO, Eduardo. “O tempo de Eça e Eça e o tempo”. In: *150 anos com Eça de Queirós. II Encontro Internacional de Queirosianos*. São Paulo: EDUSP, Centro de Estudos Portugueses, 1997.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Org. Maria Aliete Galloz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1972.

QUENTAL, Antero de. *Antero de Quental (antologia)*. Ana Maria Moog (org.). Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1990.

\_\_\_\_\_. *Causas da decadência dos povos peninsulares*. Porto: Typographia Commercial, 1871.

\_\_\_\_\_. *Bom senso e bom gosto*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1865.

QUEIRÓS, Eça de. *Os Maias*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

\_\_\_\_\_. *Obra Completa, Correspondência*. Volume IV. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000.

\_\_\_\_\_. “3ª Conferência: A Literatura nova ou Realismo como nova expressão de arte.” Casino Lisbonense, 12 de junho de 1871. In: MATOS, A. Campos. (org. e coord.) *Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Editorial Caminho, 1988.

SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*, 17ª ed. Porto: Porto Editora, 1996.

**MINICURRÍCULO:**

Ana Cristina Comandulli é aluna do Curso de Doutorado em Literatura Comparada (Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, UFF), sob a orientação da Profª Drª Ida Alves e coorientação do Prof. Dr. Sérgio Nazar David.